

SUCESSÃO MUNICIPAL

ACM amplia seu império político na Bahia

Com média de aprovação de 70%, senador deve eleger dois terços ou mais dos prefeitos do Estado

JOSÉ CASADO

Na escuridão, depois da curva, surgem dezenas de carros bloqueando a estrada. O motor do Mitsubishi desacelera. As pessoas avançam, berrando e agitando bandeiras.

— Só queremos que o senhor passe por dentro da cidade. Não precisa nem parar, é só entrar e sair — grita um homem para o passageiro no banco da frente.

— Quem resolve é o governador, aí atrás — ele responde rindo, apertando algumas das mãos que invadem sua janela.

— Não, não vai dar — retruca o governador, impaciente. — São oito da noite e ainda temos dois comícios pela frente.

O grupo insiste e, é claro, vence. O desfile pelas ruas centrais da sonolenta Itambé, com buzinaço ao fundo, não dura três minutos. De volta à estrada, a vila vai sendo engolida pela noite na Chapada da Diamantina.

— Estive aqui na minha primeira campanha para deputado estadual — ele lembra. Aconteceu 42 anos atrás, numa época em que candidato só andava de terno e gravata. Foram 15 dias ali, em Itambé, catando votos.

— Voltei para Salvador certo de que tinha 150 votos garantidos nessa região. Sabe quantos votos registrou o mapa de apuração? "Zero" votos. Nem umzinho só. Nem mesmo dos parentes da minha mulher.

Antônio Carlos Magalhães ri. A Itambé de 1954 existe só na sua memória. Agora, uma faixa na entrada da cidade avisa: "Aqui, o astral é ACM."

★★★

Pelas contas dos adversários, ele deve ganhar a eleição em dois terços dos 415 municípios da Bahia. Pela contabilidade das pesquisas, pode ir além, chegando aos 80%.

Todas as previsões incluem Salvador, onde nunca conseguiu eleger o prefeito. E todas as pesquisas sinalizam: aos 69 anos, ACM tornou-se a melhor tradução política da sincrética alma baiana, um terço da população brasileira.

— Os baianos me tratam muito bem. Sabe por que? Porque coloco a Bahia antes e acima de tudo. Surge um problema, exijo uma solução do governo. Se o presidente da República não atende, brigo com o presidente. Não vou romper com Fernando Henrique. Ele, se quiser, pode romper comigo, problema dele. Mas se, amanhã, tiver de escolher entre Fernando Henrique e a Bahia, não tenha a menor dúvida: vou ficar com a Bahia.

Fez isso, um ano atrás, na intervenção federal no Banco Econômico, velho ícone da economia baiana. Diante da ameaça de liquidação do Econômico, ACM retrucou anunciando uma CPI dos Bancos, acenando com um discurso sobre relações "incestuosas" de dirigentes do Banco Central com consultorias privadas e insinuando a divulgação de um "mapa da lama" no sistema financeiro.

Tanto ele quanto o governo federal recuaram. Mas sobreram-lhe dividendos: disparou na popularidade entre os baianos, com uma média de 70% de aprovação nas apurações feitas pelo Ibope.

— Vocês da imprensa me esculhambaram como nunca, mas eu estava brigando pela Bahia. O que o governo fez, depois, só mostra a minha razão. A liquidação do banco custaria muito mais caro.

Na época, Antônio Carlos Magalhães era um recém-chegado ao Senado, tinha apenas oito meses de um mandato que — ele achava — seria difícil de agüentar até o fim. Gostou tanto que, agora, batalha para presidir o Senado e o Congresso, onde lidera o maior partido.

— Se a indicação for do PFL, sei o presidente — aposta ACM. Dias atrás, sua disposição para a candidatura foi comunicada ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao senador José Sarney (PMDB-AP), que entrega o comando do Senado em fevereiro. Foi a primeira conversa. Eles ouviram, sem compromisso.

★★★

Vitória da Conquista é um lugar frio. No clima e no aplauso. O comício do PFL anima a noite de sexta-feira na praça central, a



Luciano da Mata/AE

Nos comícios, pessoas se acotovelam para tocá-lo: "Os baianos me tratam bem porque coloco a Bahia acima de tudo"

1.040 metros de altitude. Naquele reduto de grandes pecuaristas, terceiro colégio eleitoral da Bahia, na fronteira com Minas, as pesquisas sinalizam vitória do Partido dos Trabalhadores. O candidato de ACM precisa de um "milagre".

A praça quase inerte ouve o candidato e depois o governador Paulo Souto. Explodem fogos de artifício e ACM pega o microfone. A audiência se mantém impassível. Ele insiste, até exagera:

— O PT não existe, o PT não governa. Vejam, o Buaiz, governador do PT no Espírito Santo, está dizendo nos jornais que é impossível governar com esse partido. Ele até já anunciou que está abandonando o PT.

Já no meio, arranca alguns aplausos. Vê-se, no final, meia praça pública pedindo "bis" de discurso político. A eleição continua perdida, mas ACM sorri como quem acaba de vencer um desafio. No grito e no terreiro da oposição.

★★★

Briga é sua marca registrada. O presidente Fernando Henrique passou a chamá-lo de "Leão da Bahia". Ele gostou e agora manda os locutores anunciá-lo assim, em todos os palanques.

Mas a construção dessa imagem teve um preço: o administrador Antônio Carlos Magalhães tornou-se um prisioneiro do político ACM. Só os baianos são capazes de distinguir os dois. E, pelo comportamento do eleitorado, o primeiro foi quem deu ao outro a liderança absoluta nas urnas do Estado.

Começou há exatos 30 anos, em pleno regime militar, quando ele trocou o terceiro mandato de deputado federal pela posição de prefeito nomeado em Salvador.

A antiga capital do Império era uma cidade restrita às ladeiras históricas. O prefeito tirou da gaveta antigos projetos urbanísticos como os do arquiteto Mário Leal Ferreira, dos anos 50. O objetivo era expandir as fronteiras urbanas, tornando as contradições sociais menos visíveis. O impacto popular das obras (grandes avenidas) foi suficiente para levar o general Castelo Branco, presidente da República, a indicá-lo governador do Estado, em eleição indireta.

Quando assumiu o governo estadual, já tinha fixas algumas regras básicas de comportamento político na operação administrativa:

— Nas áreas onde tem dinheiro, ou que mexem com saúde e educação, não tem conversa. Só nomeio técnico.

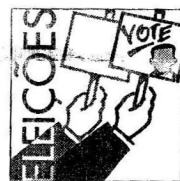
É jogo jogado: os escolhidos podem fazer o que querem, desde que não façam nada que ele não queira. Trinta anos atrás, significou confronto constante com a elite da ex-capital do Império, habituada a receber os cargos-chave do poder na éfipania pelo critério do sobreno-

me e da ocasional influência na velha Corte. Agora, virou linha de produção de uma legião de "semberço", com competência técnica na operação do governo local e que encontrou na política um meio de ascensão social.

★★★

Há 17 anos, Paulo Souto, atual governador, era apenas um geólogo do terceiro escalão da secretaria de Minas e Energia, no governo de Roberto Santos, adversário de ACM. Às vésperas de assumir o Estado, pela segunda vez, Antônio Carlos Magalhães tinha a secretaria numa mão e uma relação de nomes de técnicos na outra. A primeira conversa com Souto durou tempo suficiente para perceber que sua ambição não ia além de presidir a empresa estatal de geologia, Companhia Bahiana de Produção Mineral (CBPM). Do segundo encontro, Paulo Souto já saiu escolhido secretário.

Dois anos atrás, ao final de seu terceiro governo, ACM tinha uma sucessão e uma lista de pré-candidatos para decidir. Escolheu Souto, que já era vice-governador. Há 21 meses no cargo, ele se mantém com índices de aprovação dos



RETRATO
EM BARES E
LOJAS DO
PELOURINHO

baianos próximos dos 80%, segundo diferentes pesquisas.

★★★

Se há uma lógica no jeito de Antônio Carlos Magalhães fazer política e administrar, é a lógica da abertura de fronteiras. Tome-se o exemplo de Salvador. Na década e meia entre a prefeitura e o governo estadual, ele expandiu os limites urbanos da cidade rompendo com suas limitações arquitetônicas.

Abriu grandes avenidas e ergueu um centro administrativo, à margem da cidade, usando a mesma moldura que seu amigo Juscelino Kubitschek aplicou na paisagem de Brasília nos anos 60. No final, restaurou o Pelourinho, uma jóia da arquitetura barroca distribuída por 104 prédios no velho centro comercial de Salvador — isso sem um único centavo de financiamento interno ou externo, apenas com o caixa de seu governo.

O resultado: atrás do balcão da maioria dos bares e lojas da área é possível encontrar um retrato a óleo de ACM, pintado por um artista local. No sábado passado, o senador podia ser visto num comício em Itacarânia, subúrbio ferroviário de Salvador. Na platéia, mulhe-

res tiravam a blusa, pedindo que ele as autografasse. Antônio Imbassahay, ex-presidente da Eletrobrás que ele escolheu como candidato a prefeito em Salvador, lidera todas as pesquisas e deve vencer já no primeiro turno.

O mapa geoeconômico da Bahia também registra suas marcas. No Recôncavo, há um pólo petroquímico datado de seu segundo governo, numa parceria com o falecido presidente Ernesto Geisel — três semanas atrás, no Palácio do Planalto, durante o anúncio de construção de uma nova refinaria de petróleo na Bahia, ele fez questão de transformar seu discurso num longo agradecimento a Geisel. O general morreu dias depois. No dia seguinte ao enterro, ACM estava num palanque em Camaçari, sede do pólo, diante de milhares de pessoas. Também ali seu candidato a prefeito deve ganhar a eleição no primeiro turno.

Mais a oeste, na região do Cerrado, uma extensa área estava ameaçada de acabar se desgarrando da Bahia pela completa ausência do Estado em serviços básicos, como eletrificação. Com investimentos em linhas de distribuição de energia, completou a incorporação da região ao sistema de produção agrícola, tornando-a atração para agricultores do Sul. De Barreiras, sede regional, agora saem 2% da produção nacional de grãos. Lá, também, seu candidato tende a ganhar, com muita folga.

Essa lógica na sua atuação se aplica à política. Basta uma olhada na sua agenda desta reta final de campanha eleitoral: a prioridade de ACM, nesta etapa, é fazer comícios em redutos da oposição, onde sabe que vai perder mesmo.

Semana passada, pôs no roteiro Bom Jesus da Lapa, reduto do ex-governador Nilo Coelho, que o odeia. No palanque, o governador Paulo Souto anuncia a criação de um curso universitário na cidade, a partir de janeiro. Em seguida, ACM discursa sobre "ladrões ricos que precisam ir para a cadeia". Eles sabem que só um "milagre" salva o PFL local, mas investem, como se fossem agricultores apostando na valorização de seu produto na próxima safra.

★★★

Em Santo Antônio de Jesus, pequena cidade do Recôncavo Baiano, os dois principais candidatos a prefeito são aliados de ACM. Para um político, isso significa problemas — tudo que agrada a um, desagradará o outro. O pior momento é o da fotografia para o cartaz de campanha.

— Senador, essa minha foto com o senhor está igualzinha à que fez com o outro candidato — reclama um deles.

— Não tem importância, você é o meu preferido.

— Mas como as pessoas vão saber? Está tudo igual na fotografia. — Você não prestou atenção no detalhe do sorriso: estou muito mais alegre com você.

★★★

Ele só pensa e faz política, o tempo todo. A eleição é municipal e ainda nem aconteceu, mas Antônio Carlos Magalhães já medita sobre as opções para a sucessão presidencial, em 1998.

— Meu voto, no Senado, vai ser pela reeleição. E isso independe de como o governo vai atuar na eleição para a presidência do Senado, em fevereiro — diz ACM, pegando um jornal. A foto de Paulo Maluf, prefeito de São Paulo e potencial candidato à Presidência da República, está na capa:

— Esse vai dar menos trabalho do que ele imagina, mas vai dar algum trabalho — acrescenta. Duas páginas adiante, há um artigo sobre supostas manobras do senador José Sarney para minar as possibilidades de Fernando Henrique disputar a reeleição. Lê com atenção e não resiste:

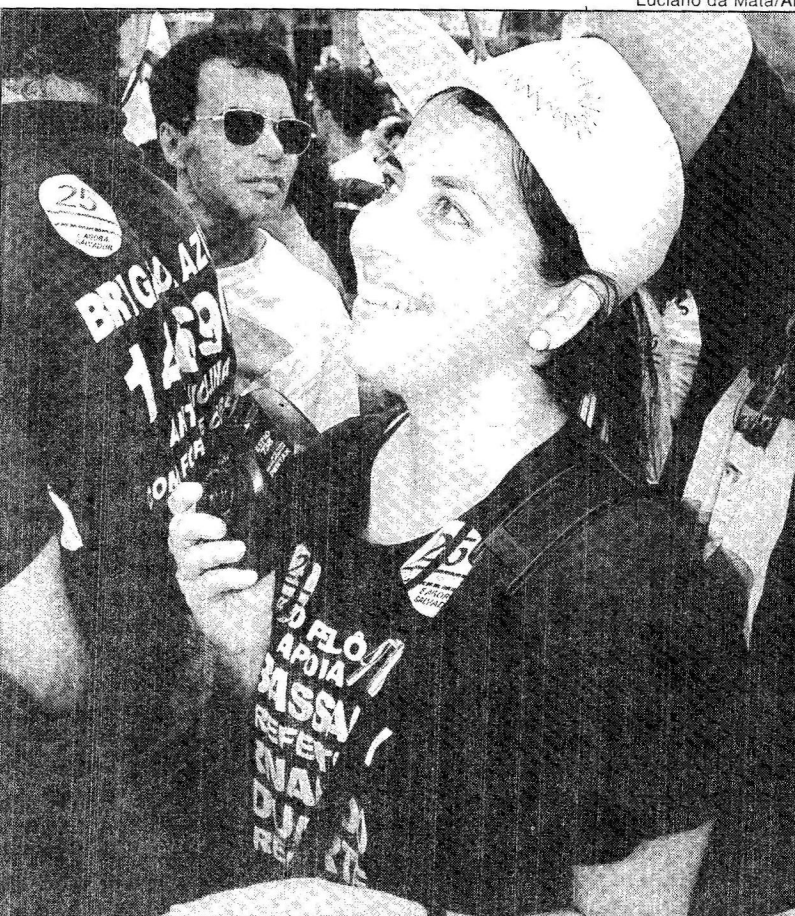
— Mas é pura verdade. Quase não fala sobre o filho, Luís Eduardo, presidente da Câmara. Mas cada passo que ACM dá hoje, na Bahia e em Brasília, é na direção do auxílio na preparação do terreno para o futuro político do filho, que provavelmente será ministro da Justiça no ano que vem, com um ministério de funções ampliadas em relação ao atual.

— Ele é mais competente, tem mais qualidades e soma muito mais do que eu — fica repetindo.

No último 4 de setembro, quando completou 69 anos com uma membrana de boi cobrindo o coração, Antônio Carlos Magalhães tomou uma decisão: agora, só faz aquilo que deseja, na hora que quiser. Trabalha para sua biografia, a ser escrita por Fernando Moraes, autor do best seller sobre a vida de Assis Chateaubriand. E se sente incomodado quando alguém com quem se relacionou dá um depoimento que julga distorcido.

Aconteceu há pouco com Juracy Magalhães, ex-líder da UDN na Bahia, a quem costuma se referir como a pessoa mais importante nos seus 45 anos de vida na política. Numa entrevista, o velho líder disse que ACM devia sua primeira eleição, em 1954, aos votos lhe havia dado em três determinados municípios baianos.

Mandei-lhe uma carta, em tom muito elegante. Lembrei-lhe que no dia 4 de outubro de 1954, aniversário de minha filha, ele foi à minha casa pedir para que desistisse da disputa para deputado, pois estava derrotado. Anexei o mapa eleitoral da época: perdi naqueles três municípios, mas ganhei a eleição.



Luciano da Mata/AE

Fã fiel

A paulista Vitória Régia mora em Salvador e não perde um comício que tenha a presença do senador Antônio Carlos Magalhães. Fã dedicada, vai a todos, por conta própria, não importa a distância, apenas para tirar fotos de seu ídolo. Ela não é fotógrafa profissional, mas está organizando um arquivo pessoal sobre ACM.

ta própria, não importa a distância, apenas para tirar fotos de seu ídolo. Ela não é fotógrafa profissional, mas está organizando um arquivo pessoal sobre ACM.